

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apontar questões sobre corpo gordo dentro da dança, trazendo também a discussão da "gordofobia", um tipo de preconceito enfrentado por esses corpos gordos no ambiente da prática do aprendizado e desenvolvimento da dança e no meio social. Baseando-se em estudos metodológicos, são inseridos dentro do trabalho pesquisas a respeito do problema do corpo gordo fora da dança; questões sobre o filósofo Maurice Merleau-Ponty(1908-1961) e alguns pensamentos do sociólogo Marcel Mauss (1872-1950), ambos franceses, que trabalham com o pensamento a respeito do próprio corpo. Com relação aos estudos de pesquisadoras mais contemporâneos, são colocadas em pauta as ideias e uma básica biografia a respeito da Maíra Rodrigues, dançarina gorda; e Jussara Belchior Santos, bailarina gorda; ambas têm o mesmo propósito: combater a gordofobia e fortalecer a construção de espaços mais acessíveis para o corpo gordo. Lembrando que ainda há poucos escritos sobre corpo gordo inseridos na dança, ao mesmo tempo que têm muitas mulheres com desejo de estar na dança, porém consideram-se incapazes de dançar pelo simples fato de se considerarem fora dos padrões estabelecidos pela mídia de publicidade e comunicação.

Palavras-Chave: Corpo gordo, dança, gordofobia, mulheres artistas gordas.

ABSTRACT

The objective of this work is to point out questions about the fat body within dance, also bringing the discussion of "fat phobia", a type of prejudice faced by these fat bodies in the practice of learning and developing dance and in the social environment. Based on methodological studies, researches about the problem of the fat body outside of dance are included in the work; questions about the philosopher Merleau-Ponty (1908-1961) and some thoughts of the sociologist Massel Mauss (1872-1950), both French who work with thoughts about the body itself. Regarding the studies of more contemporary researchers, the ideas and a basic biography about Maíra Rodrigues; and Jussara Belchior Santos, fat dancer; both have the same purpose: to fight fat phobia in dance and strengthen the construction of more accessible spaces for the fat body. Remembering that there are still few writings on the fat body inserted in dance, while there are many women with the objective of being in the dance, but they consider themselves incapable of dancing simply because they consider themselves outside the standards established by the advertising media and Communication.

Keywords: Fat body, dancing, fat phobia, fat women artists.

1 Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri (URCA), e Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (PPGDança/UFBA).

2 Graduado em Teatro pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Começou sua carreira artística em 2010 no Teatro Rachel de Queiroz, na cidade do Crato-CE, onde exerceu aulas de Teatro e Circo. Em 2014 ingressou na faculdade e hoje atua como Ator e Diretor teatral.

OLHANDO PARA POÉTICAS DO CORPO GORDO: Gordofobia na Dança

INTRODUÇÃO

Como início, ao longo do artigo são abordados alguns tópicos sobre o corpo gordo dentro da dança e a gordofobia provocada no corpo gordo, tanto na dança como nos meios sociais. Enquanto base apresentamos estudos empíricos sobre esses corpos, referenciando meios em que não são aceitos e características de corpos mais aceitos em oportunidades de empregos e no geral, o que chamamos de "aceitação". Como meio artístico metodológico, no trabalho são inseridas duas mulheres que estão envolvidas no meio das artes e da dança, são elas: Jussara Belchior Santos e Maíra Rodrigues. Misturando esses dois estudos, os conteúdos são interligados com o título "Dramaturgia da Dança", onde repensamos a dança não apenas como algo artificial ou coreografado, mas também como um meio de comunicação não verbal dos sentimentos e emoções.

Quando falamos sobre entendimento de corpos, estamos colocando na pauta diversos tipos de corpos, como gordo, magro, branco, caracterizado entre outros, tudo com a ênfase de entender quais são os corpos mais aceitos, a ciência por trás da ideia de saúde e o conceito de beleza ao longo da história da humanidade. São apresentados aqui também dois estudiosos que abordam o conceito a respeito do corpo, um é sociólogo francês (Marcel Mauss) e o outro filósofo, também francês (Maurice Merleau-Ponty); eles trabalham desde a década de 1980 em busca de um entendimento acerca de nossos corpos. As ideias, as referências, os pensamentos e as reflexões são parâmetros que dentro do presente trabalho não possuem uma ordem fixa programada, mas que são explicados à medida em que as pautas de observação necessitam de uma atenção maior nos momentos da escrita.

REFLEXÕES SOBRE O CORPO GORDO

Merleau-Ponty direciona seus estudos baseado na ideia de que o corpo é a condição primeira do ser humano e, portanto, é por meio dele que tomamos consciência do nosso modo de estar no mundo. (DAOLIO, RIGONI, ROBLE, Jocimar, 2012, p. 182).

Para o filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961) o corpo ou "casa" não é definido pela soma de suas características objetivas, mas pela quantidade de olhares sobre ela e também pela qualidade desses olhares sobre a mesma.

Tal entendimento faz alusão aos tipos de corpos, por exemplo, como eles são interpretados e vistos pela sociedade. As limitações impostas pela sociedade sobre os tipos de corpos e também pelo uso deles já é discutido há séculos, podemos observá-las nas publicações do sociólogo Marcel Mauss (1872 - 1950), que elabora reflexões acerca do corpo e da corporeidade, que apesar de serem oriundas tornam-se sempre atuais, dados os desafios e tabus acerca da espontaneidade, vontade e forma de cada um em ser e estar no mundo de acordo com sua aceitação no meio social.

Em resumo, há uma construção social do corpo e dos gestos do mesmo, mas que se impõem de modo diferenciado a cada indivíduo de acordo com suas condições de estar no mundo e de relacionar-se com o próprio corpo, descobrindo nele suas possibilidades. (DAOLIO, RIGONI, ROBLE, 2012; BATISTA, 2019).

Na sociedade moderna a mídia impõe padrões de beleza às pessoas. Na famosa cultura do corpo "perfeito", fruto da indústria cultural, política e social, os corpos são normatizados a um padrão específico de saúde e beleza, levando vários sujeitos a uma visão inferior de si mesmo e carregando consigo uma cobrança de a todo custo seguir uma norma corporal para serem "aceitos" no meio social, sendo tanto por meio das artes como usufruindo dos meios políticos.

O que quero dizer é que existem inúmeros protótipos que devemos conquistar para tal façanha: devemos ter cabelos lisos, macios e brilhantes, uma cintura bem definida, as unhas bem-feitas, a pele clara, lisa e jovem, a barriga malhada e, de preferência, pernas firmes, a sobancelha pigmentada, etc. Enfim, parece que nosso corpo nunca chegará a ser aceito e aplaudido pela padronização do corpo belo e saudável na concepção da sociedade capitalista contemporânea. (JIMENEZ, 2020 p.02)

Muitas mulheres são influenciadas por esses padrões de beleza considerados ideais, travando uma árdua luta para alcançar os objetivos que são projetados aos seus corpos, buscando seus espaços em grupos, empregos, lideranças e em várias outras oportunidades.

Historicamente a imagem concentra-se com a beleza, a saúde (fertilidade) e juventude. Com esta percepção de beleza, a imagem atual do corpo invadiu as dimensões que estão perdendo o controle. Adolescentes, homens e mulheres insatisfeitos com o seu "eu" acabam não medindo esforços a qualquer custo pelo prazer de ter o corpo sarado. Mas na visibilidade social tornou-se modismo recorrer a intervenções cirúrgicas para resolução de seus problemas. Sem preocupação aos riscos inerentes à cirurgias plásticas. (SHMIDTT, OLIVEIRA, GALLAS, 2005, p.2)

Como corroborado por Batista (2019), é preciso desconstruir convicções de que o corpo gordo não serve para a dança assim como é muito assistido no balé clássico, dando a impressão de que o "corpo gordo não executa bem movimentos técnicos" (BATISTA, 2019, p. 20). Muitas vezes pessoas gordas sentem-se motivadas a mudar a forma do seu corpo para dar "visibilidade" aos padrões de beleza sociais. Jussara Belchior Santos é um grande exemplo de superação, pois ao invés de camuflar seu corpo a um estilo magro, ela coloca em cena seus conflitos internos e externos do que ela denomina de "peso bruto", no caso, sua performance teatral tendo por sinônimo de seu estado de Corpo considerado fora dos padrões estabelecidos pela maioria das mulheres que aparecem dançando nos palcos de shows musicais, em programas de televisão e em diferentes espaços no mundo.

Porém, muitas mulheres e homens são influenciados por esses padrões, travando uma árdua luta para alcançar os objetivos que são projetados aos seus corpos, buscando espaços em determinados grupos, lideranças e em várias outras oportunidades. Apontando alguns padrões de beleza que são impostos pela mídia de comunicação e publicidade para que as mulheres sejam aceitas pela sociedade do século XXI, podemos destacar “que se relacionam à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas”. (WOLF, 1992, p.7). Como muitas mulheres veem espelho e se permeiam, maquiam-se e se vestem frente à ele, os defeitos sempre aparecem em primeiro lugar como numa ilusão de ótica, isto implica que a mulher é treinada de forma inconsciente e consciente para controlar seu formato humano de acordo com pensamentos alheios que de certa forma consagraram o certo e errado.

A BELEZA DA ARTE NAS ARTISTA GORDA

Aplausos são de incentivo a uma mulher possuidora do corpo considerado “certo” para a mídia publicitária. Mas no caso das artes, incluindo a dança, que trabalham a subjetividade, a coletividade e as expressões humanas, não deve existir certo ou errado. A dança pode ser um estado ou emoção individual, e cada um conta uma história ou demonstra sentimentos em contrapartida com os movimentos de sua dança, executando, assim, uma certa dramaturgia dançante. De acordo com Roger Garaudy, “Uma dança, mesmo com uma técnica perfeita, será sempre medíocre se o coreógrafo e o bailarino não tiverem nada a dizer. Um movimento sem motivação é inconcebível para o bailarino.” (GARAUDY, 1980, p. 122 *apud* BATISTA, 2019, p. 29).

Nas artes em geral, especificamente nas artes cênicas, como o teatro e a dança, ainda apresentam semelhanças e contrapartida com o mercado da moda, sobrepujando aceitação dos corpos ditos perfeitos e seguidos os mesmos discursos da profissão de modelo: os corpos encaixotados, retilíneos e brancos.

Beleza, estética e cirurgias estão fortemente enfatizadas na cultura contemporânea. Os padrões de beleza socialmente aceitáveis estão levando as pessoas a práticas estéticas desordenadamente como; malhação, cirurgias, plásticas e dietas impulsivas, na tentativa de alcançar os padrões de beleza impostos pela sociedade. (SHMIDTT, OLIVEIRA, GALLAS, 2005, p.2)

Apesar de sermos um país considerado muito heterogêneo e diverso, ainda carregamos o arquétipo europeu, o qual a todo custo tentamos moldar nossos costumes e atitudes. Sobretudo em se tratando da arte, temos padrões como artistas – em sua maioria – brancas e magras.

Tal fato restringe às artes cênicas um padrão fixo soando como repetitivo e sem heterogeneidade, rejeitando, assim, o que não é delineado por esse modelo. Dessa maneira é importante enaltecer outros corpos por sua beleza natural em todas as suas formas. Segundo Cirillo e Mello (2020), o corpo gordo muda com o mundo, com a história, com as percepções das sociedades, assim como qualquer outro corpo, seja magro, doente, sadio, esbelto ou “em forma”.

O corpo gordo também dança e faz arte. Trazemos tal afirmação com alvo de quebrar padrões limitados nas danças, os quais impediam a capacidade do corpo cheio em ser dançante e dançarino, assim, contribuindo para que se possa lidar com o próprio corpo e não negar ao outro sua liberdade de expressar-se, pois a dança, não necessariamente necessita ter um estilo, como valsa, tango e balé, ela pode estar relacionada a um modo mais subjetivo, incorporando sentimentos interiores onde cada ser humano individualmente verbaliza tais emoções no corpo desenhando-as no espaço, isso passou a ser mais observado na contemporaneidade. Na dança contemporânea, de acordo com Serpa (2016), a expressão dos sentimentos ocorre através do corpo e a dança deixa de ser tão vertical e dá lugar a outros caminhos em todo corpo.

As dificuldades enfrentadas pelo corpo gordo são diárias, elas aparecem, por exemplo, quando vamos comprar uma roupa ou entrar em um transporte público, pois as catracas de ônibus, cadeiras de braços, assentos e diversos outros contornos poderiam ser projetados para serem maiores e/ou mais resistentes; e essas dificuldades do corpo gordo também aparecem em falas populares que dizem o “corpo gordo” transpira menos saúde que o “corpo magro”. Na vida tudo é mais projetado para o corpo esguio, isso tem impedido os gordos de viverem e fazerem arte. Algumas pessoas que se consideram acima do peso, estão tentando, cotidianamente, quebrar esse conceito e se percebendo como sujeitos que ocupam todos os lugares e, principalmente, políticos.

Tais discussões são apontadas em algumas áreas e nos fazem repensar o papel da moda, da música, da cultura plástica e em especial das possibilidades que esses corpos encontram dentro da dança. As poéticas acerca de pensamentos artísticos que quebram com o preconceito passam a ocupar cada vez mais as construções artísticas contemporâneas.

Serpa (2016) diz que se todo corpo trabalhar a técnica adequada, pode sim dançar profissionalmente não importando os tipos de corpos. Dançamos os nossos sentimentos, medos, alegrias, tudo aquilo que existe no interior e no exterior “dentro e fora”. Em outras perspectivas, algumas danças não têm técnicas específicas para se dançar, apenas deve-se dançar aquilo que desejamos expressar, verbalizando nossas emoções através do corpo.

Para a dança que envolve técnicas próprias com o objetivo de executar os movimentos culturais, como o xaxado ou as danças folclóricas como as expressões do bumba-meu-boi, os corpos construídos e alimentados de práticas e hábitos culturais, nos instiga a entender a dança para algo ligado a representação, ao gosto, aos códigos e treinamentos físicos do corpo que não preenchem absolutamente espaços com a magreza. Os movimentos desse corpo que dança passam algumas vezes a ser construídos através do encontro com outros corpos e das relações entre as fisicalidades de diferentes estilos, pesos e modas, e isso interliga-se com a ideia de coletividade, que é um conceito de fundamental importância para as artes.

Esse corpo que dança e faz arte deixa de ser só concreto e visível, passando a criar espaços de imaginação assim como espaços de construção metafórica, redimensionando os conceitos do corpo que dança, inserindo-os dentro das artes.

GORDOFOBIA NO MEIO SOCIAL

A sociedade atual vive cercada de parâmetros e preconceitos. Nosso corpo é ágil no sentido de viver em constante movimentação; observamos as coisas enquanto praticamos ao mesmo tempo, pensamos de diferentes maneiras, agimos no impulso das emoções que reverberam na carne, no corpo. Neste momento, o corpo está experimentando diversos sentidos no modo de pensar, de agir, de viver e até mesmo de se vestir, podemos refletir sobre a visão de cada pessoa como um corpo além da carne, exaltando a ideia de o corpo estar ligado também à sua maneira de se comportar frente ao convívio social e não apenas a aparência física, em vista da dança ser considerada uma forma de expressão e não um estilo de moda de um corpo dito "perfeito".

Diante das mais variadas formas de exclusão como o machismo, a homofobia, o racismo; destaco a Gordofobia na Dança, que se tem notado muito nos últimos tempos atuais. Nas artes cênicas, em especial na dança, a mídia está sempre em busca de um corpo ideal. Isso não seria uma ideia de arte, mas sim, uma forma de marketing.

Mas o que seria esse corpo ideal? É de fundamental importância ressaltar o fato de não existir um corpo ideal quando se trata das artes. Há várias modas propagadas pela mídia de comunicação e publicidade mostrando como deve ser uma mulher "perfeita". Percebe-se os padrões como: cintura fina, cabelos longos, nariz afilado, pele clara como os perfis mais aceitos pelos meios de comunicação artísticos midiáticos; porém destaco a "dança" e o "corpo gordo" como a vertente mais divisória nas artes, pois a maioria das bailarinas apresentadas em programas de TV e shows musicais são magras..

A concepção do Corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas (GOFF; TRUONG, 2006 p.10)

Dessa forma, a visão para com o corpo gordo se modificou com o passar dos anos. Em tempos atrás, a gordofobia não era um problema tão amplo como hoje, pois mulheres consideradas com corpos mais cheios não eram necessariamente mal vistas pelos padrões de beleza de épocas atrás, podemos verificar isso na citação abaixo, quando retrata os pintores e profissionais de saúde da época.

Existem várias pinturas impressionistas famosas que retratam corpos de mulheres "cheias" aceitos como belos e harmônicos na época. Porém, em meados do século passado, começou-se a evidenciar que a obesidade poderia prejudicar a saúde das pessoas. Ao mesmo tempo em que se descobria, o quanto a obesidade pode ser danosa à saúde, a humanidade testemunhou nos últimos 50 anos, um aumento da prevalência da obesidade, a ponto de a Organização Mundial da Saúde considerá-la uma epidemia global. (LARINI, 2007, p.2)

Com isso a gordura foi sendo modificada no ponto de vista, transformando-se em sinônimo de doença, enquanto que a magreza foi sendo exaltada e exibida em diversos estilos de moda na vestimenta além de ser incentivada pelos profissionais de saúde, pelos pais e pela escola desde o período da infância.

Desde criança, aprendemos em casa com a família e depois nas escolas que o corpo belo e saudável, é o corpo magro. Infelizmente, o corpo gordo nas Instituições de Ensino segue a Gordofobia estrutural e, portanto, repete a exclusão e estigmatiza a criança/adolescente/adulto gordo, causando fobias, medos, traumas, bullying e suicídios. Os profissionais da educação repetem a estigmatização, e de maneira geral não sabem lidar com o preconceito, culpando na maioria das vezes a própria vítima. (JIMENEZ, 2021, p.210)

Vemos hoje em dia muitos exemplos de anorexia, bulimia, depressão e diversos outros transtornos psicológicos ligados a forma como ver-se a si mesma no espelho. Há diversas profissionais de modelo prejudicando a sua saúde pelo fato de querer ser magra e, fazendo isso através da má alimentação, do excesso de exercícios físicos, de remédios prejudiciais à saúde e outras fórmulas, elas acabam ficando com um baixo sistema imunológico, sensíveis a muitas doenças e extremamente fracas fisicamente.

Portanto não podemos generalizar nem a gordura nem a magreza como estado saudável ou doentio, pois para tudo há uma moderação. Quanto à beleza, ela não pode ser decodificada a partir de uma pessoa ou de um grupo, pois assim diz o ditado popular "a beleza está nos olhos de quem vê"! A beleza não está num rótulo nem, metaforicamente falando, numa "receita de bolo". Mentes alienadas enxergam os corpos na dança a partir da visão da maioria, que é muito incentivada pelos padrões estabelecidos pela mídia, especialmente a televisiva, onde dançarinas consideradas profissionais possuem a magreza como escudo para sustentar o seu emprego.

A gordofobia é um grande assunto para ser falado, escrito e levado em discussões a outros meios sobre a vida de mulheres gordas que sofrem com esse tipo de preconceito, isso cada vez mais se torna visível, consciente e inconscientemente na sociedade. É um tipo de assunto que ainda se discute pouco na dança clássica, justamente pela carência de mulheres consideradas gordas inseridas dentro dela, fazendo entender a obesidade ou o corpo mais cheio como um empecilho a certas movimentações dentro da dança ou até mesmo prejudiciais à saúde da mulher gorda.

Apesar de o peso fazer parte das pautas de aceitação propostas pelo movimento, ele é apenas um ponto dessa discussão, que envolve uma série de outras características, como cor da pele, estrutura capilar e deficiências físicas, por exemplo, que por estarem fora dos padrões sociais e midiáticos são motivo de vergonha corporal. (ARRUDA; MIKLOS, 2020, p. 113).

Muitas mulheres vivem à procura de um corpo perfeito, quando o certo é que essas mulheres precisam se aceitar, trabalhar a autoestima, se amar, ter-se o respeito consigo mesma, olhar-se mais no espelho afirmando que seu corpo é perfeito do jeito que é e examinando não os seus defeitos, mas as suas qualidades. Diante desse entendimento, percebo que não é apenas a gordofobia dos olhares alheios que precisa ser combatida, mas principalmente a gordofobia do olhar da própria mulher gorda sobre o corpo gordo.

Então neste momento, as mulheres acima do peso, estão a todo momento lutando contra opressores, combatendo pensamentos de pessoas que querem opinar sobre a vida de outros sujeitos que discriminam os corpos gordos.

O corpo, como mencionado trata-se de algo mais que aparência física, ele pode ser considerado um lugar de fala dentro de qualquer estilo de dança, contemporânea ou não, o corpo em si fala muitas coisas, sente muitas coisas. A mente a todo momento está em conexão com os meios em que há discriminações e preconceitos, portanto, a todo momento vamos para luta, sejam elas em escritas, falas, danças, entre outros meios de comunicação (verbal ou não-verbal).

Outra representação comum é a da pessoa gorda como sendo feio, repulsivo, com poucos hábitos de higiene, ou então uma abobalhada patética. Entretanto, é difícil uma pessoa gorda aparecer como personagem principal ou modelo a ser seguido. Não raro é possível ver que, para ser bem-sucedido, o personagem percebido gordo precisa passar por uma transformação estética que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento. (ARRUDA; MIKLOS, 2020, p. 115).

Precisamos entender que nem todo magro é saudável assim como nem todo gordo é doente, muitas vezes percebemos que na verdade muitos gordos não estão a frente em diversos aspectos da vida em destaques nas artes, como em um grupo de dança dificilmente se vê um gordo à comandante; em novelas são raros de se vê um corpo suculento fazendo papéis principais.

O Corpo gordo enfrenta preconceito por parte da sociedade, da mídia e dos padrões de beleza na sociedade atual. Diante dessa luta que se enfrenta diariamente, especialmente as mulheres gordas artistas dançarinas, tenta-se buscar o espaço na dança e na vida do jeito para essas mulheres do jeito que elas são, seja com o que se consideram qualidades ou defeitos fora dos padrões de beleza exigidos na atualidade.

GORDOFOBIA NAS MULHERES ARTISTAS GORDAS

Maíra Rodrigues é formada em Dança pela UFMG e acredita que a dança, assim como todas as artes têm o papel de transformar as pessoas e o mundo. Professora e jornalista com especialização em produção cultural, defende a mulher gorda dentro da dança. Em sua autobiografia enquanto corpo que se considera gordo, ela nos conta que andava nas ruas em dias frios simplesmente por ouvir dizer que tremer de frio emagrece, além disso ela usava bastante roupas de cores neutras como cinza, bege, marrom e preto com o objetivo de parecer magra.

A Rodrigues, durante a sua adolescência se autoflagelava por se achar feia, então em certo momento da sua vida ela se fez a seguinte indagação: "falo sobre aceitação, autoestima, discurso contra a gordofobia mas sou eu mesmo a maior gordofóbica comigo mesma." (RODRIGUES, 2017, acesso em 15 de novembro de 2021) Ela rivalizava muito na maneira como as pessoas lhe olhavam da cabeça aos pés quando dizia trabalhar com dança, e sentia-se incomodada quando essas pessoas lhe falavam: "nossa, como você é leve pra dançar". (RODRIGUES, 2017, acesso em 15 de novembro de 2021).

A pessoa gorda é vista como doente e incapaz de dançar, de estar onde quiser, de sentir-se bem em qualquer ambiente, pois está inserida numa sociedade onde o preconceito e a gordofobia tornam-se cada vez mais presentes em sua realidade, em escolas de samba no Carnaval brasileiro, vê-se muitas mulheres magras. Quem tem um corpo gordo indigna-se com tais situações discriminatórias.

No site da artista Jussara Belchior Santos, encontramos textos, criações, biografia, entre outros. Jussara Santos bailarina do Grupo Cena 11, estuda e pratica dança desde os 6 anos de idade; começou pelo balé clássico, mas encontrou na dança contemporânea possibilidades de dançar a partir das provocações de seu próprio corpo, ao invés de tentar alcançar um "ideal" imposto e hegemônico. Ela é paulista, mas mora em Florianópolis há 12 anos; trabalha como bailarina, interlocutora e diretora, além de articular ações que questionem o imaginário e a visibilidade do corpo gordo. Interessa-se por poéticas e políticas de movimentos, assim como por posicionamentos através da dança. Jussara Santos é Doutoranda em Teatro UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), com pesquisa sobre arte gorda e bailarina gorda, intitulada até o momento como "Poética gorda: atravessamentos entre discursos através do espetáculo *Peso Bruto*".

Em *Peso Bruto*, Santos enfatiza e problematiza o banco de plástico como objeto cênico. Piso, parede e figurino pretos, um banco de plástico branco e uma dançarina gorda. Ela não almeja dançar uma dança feita para a dançarina magra. O solo contesta pela metáfora da fragilidade do plástico em diálogo com o corpo gordo, espaços como catracas de ônibus, cadeiras de braços, assentos dos transportes públicos e diversos outros contornos que poderiam ser projetados para serem maiores, mais resistentes ou mesmo inexistentes. Jussara Santos cria a percepção do gordo no lugar do gordo.

Segundo Santos, 2017, ela viveu por muito tempo uma contradição de que não poderia dançar, também aprendeu sobre leveza e beleza. Aprendeu a dançar como uma bailarina magra, mesmo sendo gorda, mas, mesmo assim, não era o suficiente.

A contradição era intensa e diária. Recebi muitas dicas sobre como emagrecer e muitas alertas de que era necessário que eu emagrecesse para ser uma bailarina profissional. Afinal, era um desperdício do meu talento eu ser gorda. Eu continuava gorda e continuava dançando. No entanto, não era um ato de rebeldia, pelo menos não consciente. Eu dançava porque fazia sentido pra mim, nunca pensei em desistir. Ser gorda era, certas vezes, um incômodo, mas eu encontrava jeitos de persistir. Dançar é meu jeito de estar no mundo. (SANTOS, 2017, p. 01).

Vivemos em uma sociedade de preconceitos e, muitas vezes, pessoas olham para os gordos como doentes ou impossibilitados a executar alguma atividade. Por outro lado, há uma resiliência e resistência em continuar abrindo espaços e ocupando funções e cargos, até então não-cabíveis a tais corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre variadas culturas e padrões midiáticos as sociedades são, de certa forma, hipnotizadas pelos padrões de beleza culturais. A arte, de certa forma, tem o papel de quebrar esses padrões e trazer o subjetivo para cena, por isso, o ato de dançar não pode se resumir num estilo onde apenas mulheres magras executam certas movimentações, pois a criação artística provém de uma inspiração onde todas as mulheres, sejam gordas ou magras, se encaixem.

A vida no mundo artístico tem provocado muito a cabeça de algumas pessoas, instigando-as a olhar a dança como uma forma de expressão restritiva, onde apenas mulheres magras se encaixam, mas temos a consciência de termos essa capacidade de expressão, não importa o que os outros pensam; mulheres gordas precisam se empoderar e transformar essa visão imposta na sociedade, se assumindo enquanto mulheres gordas que dançam e usando a sua audácia como tesoura para recortar o lacre que rotula mulheres gordas no mundo todo. Mas o primeiro passo é se reconhecer enquanto dançarina, que pode sim se expressar e ganhar destaque.

Nós, mulheres artistas gordas, precisamos continuar lutando por aceitação, se amando da forma que são, ocupando espaços e colaborando na formulação de políticas públicas afirmativas e de acessibilidade. É de fundamental importância na luta, juntar essas forças com outros corpos, outros coletivos que pensam um país mais justo, igualitário e democrático.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, Agnes D. S. MIKLOS, Jorge. **O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. ANO XXIII -No 46 JUL / DEZ. 2020. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BATISTA, Danielle Souza. **E Escola, por acaso, é lugar de Dançar?** E-book: Paraná (repositório), 2019. Disponível em: http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1663/1/BATISTA_E_por_um_acaso_escola_e_lugar_para_dancar.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

CIRILLO. José; MELLO. Júlia Almeida D. **Rotundus: um documentário sobre o corpo gordo como matéria política na arte contemporânea**. Doc On-line: Portugal, n. 28, pp. 5-17, set. 2020. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/768> >. Acesso em: 10 jun. 2021.

DAOLIO, Jocimar; RIGONI, Ana Carolina.C.; ROBLE, Odilon. J. **Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty** Pro-Posições: Campinas – SP, v. 23, n. 3, p. 179-193, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Hhwh5qXY7KmBjYWkM9Rb4gQ/abstract/?lang=pt> Acesso em 11 de Jun. 2021.

GOFF, Jacques L; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. tradução Marcos Flávio Peres; revisão técnica Marcos de Castro. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. EDITORA RECORD LIDA. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Uma+hist%C3%B3ria+do+corpo+na+Idade+M%C3%A9dia.&btnG= Acesso em: 14 jun. 2021.

JIMENEZ, Maria Luísa. **Gordofobia na Escola: lute como uma gordinha. Corpo, corporeidade e diversidade na educação** / organizadores: Vanilda Maria de Oliveira, André Luiz de Souza Filgueira, Lion Marcos Ferreira e Silva. -- Uberlândia: Culturatrix, 2021. 502 p., il. Disponível em: <https://www.culturatrix.com/corpo-corporiedade-e-diversidade-na-educa%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 15 nov. 2021.

JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. Cuiabá-MT, 2020. Disponível em <https://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencia-e-ativismos/> Acesso em 15 nov. 2021.

LARINI, Kelen Cristina P. **Obesidade feminina: novos olhares sobre o corpo obeso**. 5º Congresso de Pós-Graduação. UNIMEP. Piracicaba. 23 a 25 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/5mostra/5/465.pdf> Acesso em: 14 jun. 2021.

RODRIGUES, Maíra. **(Auto)gordofobia**. Minas Gerais 2017. Acessado em: https://clitorislivre-wordpress-com.cdn.ampproject.org/v/s/clitorislivre.wordpress.com/2017/03/03/autogordofobia/amp/?amp_gsa=1&_js_v=a6&usqp=mq331AQKKAFQArABIACAw%3D%3D#amp_tf=From%20%251%24s&aoh=16349035456180&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fclitorislivre.wordpress.com%2F2017%2F03%2F03%2Fautogordofobia%2F Disponível em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Jussara Belchior. **Peso Bruto – Rumos Itaú Cultural 2015-2016**. Florianópolis/SC, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mpgtupa2Tpg>> Acesso em 15 nov. 2021.

SANTOS, Jussara Belchior. **Viver as contradições**. Originalmente para Ediciones Inestables - Orgullosamente Gordas, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.jussarabelchior.com/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SERPA, Tamires V. **Todo Corpo Pode Dançar? Padrões corporais do balé clássico que se estendem a Dança Contemporânea**. ABRACE: Uberlândia-MG (anais), v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1824/0>. Acessado em: 10 de Jun. 2021.

SHMIDTT, Alexandra; OLIVEIRA, Claudete; GALLAS, Juliana C. **O Mercado da Beleza e suas Consequências**. Santa Catarina, 2005. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/alexandra%20shmidt%20e%20claudete%20oliveira.pdf> Acesso em: 08 ago. 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, 1992, Tradução de WALDÉA BARCELLO. Disponível em: https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf Acesso em: 12 nov. 2021.